



UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS

MARIA LUISA NASCIMENTO AFONSO

**O “EU” EM CENA: IMPRESSÕES E PERFORMANCES NAS
INTERAÇÕES SOCIAIS SEGUNDO ERVING GOFFMAN.**

JUIZ DE FORA- MG

2025

MARIA LUISA NASCIMENTO AFONSO

**O “EU” EM CENA: IMPRESSÕES E PERFORMANCES NAS
INTERAÇÕES SOCIAIS SEGUNDO ERVING GOFFMAN.**

Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel (Trabalho de Conclusão de Curso). Orientador: Luiz Flávio Neubert.

JUIZ DE FORA- MG

2025

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	4
2. DESENVOLVIMENTO.....	5
3. CONCLUSÃO.....	12
4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	12

RESUMO

Este artigo dedica-se à exploração da constituição da identidade no âmbito das interações sociais cotidianas, inspirando-se na abordagem microssociológica de Erving Goffman, figura central do interacionismo simbólico. reside em compreender como a identidade, apesar de sua singularidade aparente, é uma elaboração subjetiva de aspectos sociais e objetivos, e como sua formação ocorre intrinsecamente nas relações sociais. O objetivo do estudo é analisar a construção da persona e as formas como o self é moldado e performado, principalmente pelo manejo das impressões em interações face a face, à luz da teoria de Goffman, com foco em sua obra seminal “A representação do eu na vida cotidiana”.

PALAVRAS-CHAVE: Goffman. Microssociologia. Performance. Interacionismo simbólico. *Self*.

1. INTRODUÇÃO

A identidade é, segundo Gonzalez Rey (2001), a relação dialética entre o macroconceito da subjetividade, compreendida como algo interno ao indivíduo, e da objetividade do mundo externo a ele, a síntese desse processo resulta na expressão subjetiva elaborada pelo sujeito de aspectos sociais e cotidianos que foram apresentados a ele pelo mundo objetivo, embora a identidade nos remeta à singularidade do indivíduo a sua elaboração se constitui no âmbito das relações sociais. Saindo do macro, a microssociologia de Erving Goffman, um dos principais autores do interacionismo simbólico, se propõe justamente à investigar como a identidade é constituída em um processo dinâmico por meio das interações sociais face a face. O trabalho elaborado por Goffman em muito se aproxima da teoria social do self de George Herbert Mead, um dos fundadores do interacionismo simbólico desenvolvido no que ficou conhecido como Escola de Chicago, conforme Goffman amplia e articula suas proposições seu trabalho passa a ser compreendido como uma continuação e até mesmo uma cisão com a teoria anteriormente elaborada pelo autor.

Considerando a importância dos estudos desenvolvidos por Goffman, bem como a sua expressiva menção em artigos acadêmicos no campo da sociologia, antropologia e psicologia social (SILVEIRA, J. P., 2023) e utilizando a revisão de literatura, a análise ora desenvolvida visa explorar sua principal obra do mesmo modo que artigos posteriores que versam sobre a sua produção intelectual. Iniciando com a contextualização acerca do interacionismo simbólico e a relação anteriormente mencionada entre o trabalho de Goffman e Mead, seguindo por sua obra de maior relevância “A representação do eu na vida cotidiana” dissecando melhor alguns dos termos apresentados com a metáfora teatral e suas contribuições para a compreensão das relações entre indivíduos no tecido social ao qual estão inseridos

Deste modo o presente artigo tem como objetivo analisar a construção da persona a partir das relações sociais e seus desdobramentos a luz da teoria do microssociólogo Erving Goffman, explorando as formas como o self é moldado e performado nas interações entre os indivíduos permeados pelo manejo das impressões emitidas uns aos outros em suas relações subjacentes ao cotidiano.

2. O SELF SOCIAL: DE MEAD GOFFMAN

O idealizador do interacionismo simbólico, George Herbert Mead, foi professor de psicologia social na Universidade de Chicago, foi um pesquisador de suma importância na história e no desenvolvimento da sociologia contemporânea. Suas principais contribuições são acerca das noções de consciência, sendo um pragmatista, Mead considerava a capacidade de racionalização o motor para a evolução da humanidade (SILVA, P. V. B, 2016). Sua principal obra "Self, Mind and Society" (1934) foi publicada postumamente por seus discípulos, e sistematiza suas principais ideias.

Mead argumenta que a sociedade é determinante para a construção do indivíduo, a medida em que ela projeta no sujeito suas normas e convenções por meio das interações sociais. Os gestos articulados, que podem ser conscientes ou significantes inconscientes, constituem uma troca simbólica entre os indivíduos de forma a regular os rumos da interação e permitindo que ambos se adaptem e articulem no processo relacional, tal articulação se converte em símbolos-significantes capazes de permitir que o sujeito antecipe o comportamento do outro (SILVA, P. 2016 p.83). Para Mead a interação simbólica é o que permite a existência do pensamento racional humano, e o processo de significação dos símbolos é aquilo que nos é universal mesmo na individualidade, nos provoca os sentidos de formas semelhantes de modo que ao valer-se de determinado gesto para se comunicar o sujeito supõe, ou antecipa, a reação do outro perante ele.

A identidade, nesta perspectiva, se deriva também do contexto social em que se insere um indivíduo, pela forma como este organiza individualmente aquilo que observa da sociedade em seu entorno. Para Mead esse processo é chamado de self, resulta na consciência que um sujeito tem de si mesmo e não pode se desenvolver sem a experiência social ao passo que nasce do intercâmbio simbólico da linguagem e dos gestos aos quais os seres humanos atribuem determinados significados. A capacidade simbólica é o que nos permite nos separarmos de nós mesmos e nos colocarmos na perspectiva do outro (SILVA, P. 2016 p.86).

O self para Herbert Mead se apresenta em duas formas, o eu e o mim. O eu pode ser compreendido como o sujeito de ação ativa e espontânea enquanto o mim como um resultado daquilo que foi internalizado pelo indivíduo das normas sociais e das percepções que os outros podem vir a ter sobre ele. Essas duas camadas do Self dialogam entre si “O eu empreende uma ação, mas não a faz de forma aleatória, toma em consideração ou antecipa a reação de outras pessoas, o que corresponde ao mim.” (SILVA, P. 2016 p.86). A partir desse diálogo o indivíduo se torna capaz de refletir sobre si mesmo e sobre o mundo ao seu redor possibilitando que desenvolva a sua própria personalidade.

O self passa por mudanças consoantes ao processo dialético que o sujeito elabora com a comunidade e das reflexões entre o eu e o mim, o próprio reconhecimento do sujeito de sua individualidade permite que o eu descolado do outro possa se opor ou se adequar a determinadas normas impostas pelo mundo social em seu entorno ao passo que esse mundo social também tende a ser modificado a partir de reações individuais. Nesse contexto o sujeito passa a se relacionar por meio das identificações relacionais com subgrupos sociais aos quais melhor se adequa com base nos resultados de suas próprias reflexões e experiências, sem deixar de fazer parte da comunidade como um todo, incorpora regras e normas de conduta e linguagem, desenvolvendo, dessa forma, continuamente o self.

Para Mead, a conduta do sujeito sofre variações conforme transita dentro da comunidade e se relaciona com diferentes normativas e portanto afirma que a personalidade seria formada, não por um self, mas por diversos selves (SILVA, P. 2016 p.90). A intersecção entre Goffman e Mead se evidencia a partir desse ponto, tendo em vista que no trabalho posteriormente elaborado por Goffman se estrutura nas nuances dessa conduta em diversas situações sociais.

Erving Goffman cursou seu mestrado e doutorado na Universidade de Chicago, instituição em que anteriormente lecionava Herbert Mead, embora sua entrada na universidade seja posterior à morte de Mead é inegável a herança teórica deixada por ele enquanto uma referência consolidada dentro e fora do campus. Goffman fundou o conceito da microsociologia e através da adoção desses novos conceitos pôde ampliar os entendimentos acerca do self. Por meio da representação teatral enquanto uma metáfora para descrever as representações elaboradas pelo indivíduo para com o outro e os mecanismos utilizados por ele para regular essas interações. A representação une em si a demanda e a projeção daquele que a representa e a influência do outro conforme este demonstra suas impressões enquanto “platéia”, termo utilizado pelo autor para o interlocutor de uma interação, a relação de troca

constante nas interações é o elemento regulador do eu e o mim em sua manifestação do self (SILVA, P. 2016 p.91).

Ambos os autores entendem a realidade como a interação entre a consciência e a realidade exterior à ela, sendo portanto, interacionistas. A percepção de Mead do indivíduo como um resultado da sua relação com a sociedade que o cerca é utilizada por Goffman em suas premissas. Embora eles se debrucem sobre o mesmo tema valendo-se da mesma premissa a partir da pesquisa antropológica das interações, o ponto de vista microsociológico de Goffman permite que o autor amplie o escopo teórico do debate (SILVA, P. 2016 p.98), tornando possível evidenciar as contradições e os conflitos sociais, acaba por aplicar as premissas de Mead desafiando as perspectivas anteriormente elaboradas por ele e rompendo com seus limites.

A REPRESENTAÇÃO FACE A FACE

O primeiro livro de Erving Goffman “A Representação do Eu na Vida Cotidiana” publicado em 1959, teve sua primeira edição traduzida para o português em 1975 e ainda hoje se revela enquanto obra de destaque nos estudos e produções acadêmicas, sobretudo no campo da sociologia. Através desta publicação Goffman introduz ao leitor uma série de termos e referenciais conceituais que atuam enquanto base teórica para a continuidade de seus trabalhos, através da metáfora teatral o autor expõe que o comportamento cotidiano dos indivíduos é pautado por representações assim como o de atores em um palco de uma peça de teatro. Com sua abordagem sociológica dramatúrgica, Goffman possibilita o estudo de diversos campos da sociabilidade do cotidiano coletivo ocidental moderno.

Em um primeiro momento, conforme o título publicado, o sujeito diante do outro se encontra em uma posição observadora em busca de informações a respeito do seu interlocutor, tais informações podem ser obtidas através do comportamento e da aparência valendo se de uma correlação com experiências anteriores com base em estereótipos, ou mesmo através do que é dito pelo outro sobre si mesmo, essa investigação serve para indicar possíveis cenários para o desenrolar da comunicação e dessa forma estabelecer a melhor maneira para se comportar diante do outro, antecipando as expectativas mútuas de tal interação. Entretanto Goffman logo expõe que tais informações são apenas inferências, uma vez que o indivíduo é capaz de dissimular em suas interações, para o autor as chamadas atividades verdadeiras são aquelas em que de forma involuntária acabam por expressar suas crenças, valores e a si próprio.

Na obra as expressividades do indivíduo são divididas em duas categorias, a expressão que ele transmite através de símbolos que podendo ser verbais ou não verbais e a expressão que ele emite, associada ao campo sintomático e teatral. O indivíduo no processo comunicativo busca controlar a impressão que os outros tem a seu respeito, portanto tende a se apresentar em um ângulo mais favorável em benefício próprio, já os outros podem interpretar o que lhes é apresentado de ambas as categorias entretanto aquela que é transmitida através de afirmações verbais é mais passível de dissimulações. Os aspectos tidos por Goffman como não governamentais, aqueles que são transmitidos, podem ou não validar os aspectos governados que foram emitidos, ao se confrontar com uma afirmação o sujeito busca por confirmações no comportamento e nas expressões do seu interlocutor visando identificar possíveis falhas na apresentação produzida pelo ator diante de si.

Mesmo diante de possíveis falhas na representação existiria no que o autor chama de jogo de informações uma espécie de acordo subentendido onde tais impressões são omitidas com o intuito de manter a harmonia da interação. Conforme o texto apresenta, é possível que ocorra a ruptura da representação a medida em que aspectos apresentados e definidos pelas primeiras impressões, tidas de um ator sobre outro, se contradizem mediante a projeção estabelecida pelo sujeito que o analisa. O termo ator aqui se refere ao indivíduo em sua vida social que busca performar um personagem idealizado ao sujeito comunicante por meio das representações, ao iniciar uma primeira interação um ator projeta sobre o outro definições a partir do que lhes é apresentado que estabelecem em um acordo o que se espera do processo interacional, o que ele chama de definição da situação. Outra figura importante para a análise das interações de Goffman é a platéia, definida por aqueles que diante do ator observam a representação e estão a par das definições da situação estabelecidas. Ao definirem concomitantemente, o indivíduo define que persona assumir, portanto mediante a uma contradição pode vir a quebrar com a pactuação ficando exposto ao constrangimento, contudo Goffman expõe que existem estratégias defensivas compensatórias que são comumente utilizadas para proteger as projeções de forma diplomática entre os atores.

Com relação ao desempenho desses papéis o teórico também coloca em perspectiva a crença que o indivíduo tem no exercício de sua própria atuação, polarizando em dois grupos, o sincero que de fato acredita que a realidade que representa é uma realidade concreta e o cínico que não convencido de sua atuação, pode ter por meio da mesma outros interesses que não necessariamente são maléficos, o cinismo pode ser utilizado como uma forma de proteção

da personalidade privada. Também ocorre, conforme o texto, a transitoriedade de um mesmo ator entre ambos os papéis com maior ou menor intensidade ao longo do processo interativo.

A fachada, ou front, é um termo empregado por Goffman significativo para o entendimento da construção da persona, caracterizada como “o equipamento expressivo de tipo padronizado intencional ou inconscientemente empregado pelo indivíduo durante a representação” (GOFFMAN, E. 1985 p. 29). O cenário é compreendido como componente físico da fachada, o ambiente em torno da interação que dá palco às representações dos atores em cena e são comuns a todos presentes na dinâmica social. Enquanto a fachada pessoal está relacionada aos aparatos expressivos pessoais do ator como suas roupas, expressão de gênero, gestos corporais e expressões faciais, tais características nos revelam que papel pretende ser atuado e tem influência na definição da situação interacional mencionada anteriormente. As fachadas tendem a se tornarem representações coletivas, com base na obra, e acabam por serem institucionalizadas em seus estereótipos, para cumprir com as expectativas coletivas para tal representação, o sujeito que assume esse papel acaba por interpretar a fachada que melhor contribui para o bom cumprimento da performance.

Para a satisfação das projeções do grupo as representações são moldadas e socialmente construídas dentro do processo dialógico, ao se ajustar às expectativas de seus observadores o ator, tal como apresentado no texto, tende a performar de forma idealizada incorporando valores sociais da comunidade em que se insere. Os atores podem ocultar comportamentos que se demonstram incompatíveis com a impressão ideal que deseja transmitir fazendo o que o autor chama de segregação do auditório, onde diferentes papéis são apresentados para diferentes públicos. Para o bom funcionamento do processo representativo o sujeito busca um certo controle de suas expressões para que mantenha a chamada coerência expressiva, se afastando dos impulsos variáveis da condição humana para manter a homogeneidade do personagem sustentado frente a presença do outro na tentativa de impedir a ruptura das impressões evocadas.

Considerando a contribuição individual de um ator como parte de uma projeção coletiva, Goffman explicita que as representações não são apenas uma expressão subjetiva do ator, em contextos como o trabalho existe uma relação de interdependência entre os atores que formam uma mesma equipe profissional e suas representações cooperam para a definição da situação mediante a platéia, portanto acontece que “a representação sirva principalmente para expressar as características da tarefa que é representada e não as do ator” (GOFFMAN, E. 1985 p. 76) . Nas regiões de fachada, onde a performance é executada para o público, o ator

nota padrões de polidez na forma como ocorrem os diálogos e de decoro no comportamento a fim de demonstrar respeito pelo cenário, cumprir deveres como os de trabalho, e gerar boas impressões naqueles que o observam, para regular as impressões aspectos da expressividade são acentuados enquanto outros são reprimidos.

Em contraponto, o pesquisador delimita a existência de regiões de fundo, onde o ator se desmonta dos aparatos relativos à fachada e se permite sair dos personagens que desempenha, essas regiões em termos dramaturgicos são os chamados bastidores, as incongruências entre a impressão transmitida na fachada e a concretude dos bastidores justificam o controle de distanciamento entre os cenários por meio de restrições físicas de acesso, afastando o público das regiões de fundo e mantendo a eles apenas as impressões transmitidas na fachada. Nos bastidores é comum que ocorra a liberdade para uma série de comportamentos informais que seriam inadequados frente à plateia, as relações entre os indivíduos é atribuída de intimidade que permite descontração e, conforme o texto, até mesmo certo desrespeito. Embora as regiões sejam bem delimitadas, em alguns casos existem flexibilizações, Goffman em sua produção textual aponta que o comportamento informal com o uso de uma linguagem familiar pode moldar regiões de fachada em bastidores.

A obra discute importantes aspectos para o debate da construção social da personalidade do indivíduo e sua performance interativa, os pontos abordados acima demonstram as interferências do ambiente e do outro em relação ao comportamento adotado pelo sujeito, sem deixar entretanto de enfatizar a responsabilidade do ator naquilo que é transmitido por ele, com relação às estratégias utilizadas para a manipulação das impressões o autor lista atributos e práticas defensivas adotadas pelos atores para a manutenção do personagem e do espetáculo previamente definido. A lealdade dramaturgica é descrita como a solidariedade interna adotada por uma equipe, ou um grupo social, de modo em que os atores corroborem para embasar a atuação dos outros sobretudo se mantendo fiel ao espetáculo do grupo, suspendendo o seu espetáculo individual a fim de manter a disciplina dramaturgica pelo bom cumprimento da performance. O ator consciente de seu papel evitaria ao máximo cometer eventuais gafes que possam comprometer o desempenho da encenação e mesmo diante de rupturas se mostra capaz de justificá-las com o propósito de minimizar possíveis danos à integridade do espetáculo. Segundo o autor tais mecanismos são melhor elaborados com planejamento e preparação prévia, mas contam também com o público para manter a situação definida através de comportamentos que favoreçam o equilíbrio da interação por

meio de práticas protetoras, como manter atenção na representação e evitar proporcionar possíveis cenas que podem ameaçar a cortesia aparente estabelecida no processo interativo.

Goffman na conclusão do livro separa um tópico para tratar da relação entre a personalidade, a interação e a sociedade perante a eventual ruptura da representação. Conforme abordado anteriormente o indivíduo ao se apresentar face a face de outros projeta uma definição da situação que orienta o que se espera do processo interacional, quando a impressão construída é desacreditada de forma inconciliável, para o autor, são sentidas as consequências em três níveis da realidade. No ponto de vista da interação social torna-se desorganizada, já a estrutura social é comprometida bem como a reputação tanto do indivíduo quanto da eventual instituição, a qual representa em diferentes níveis. E por fim, as consequências podem ser sentidas na personalidade do indivíduo, aspecto que aqui nos interessa de modo especial. O sujeito pode desenvolver ao longo do processo interacional uma identificação com o papel que desempenha de modo que ao se deparar com uma ruptura na representação tem desacreditadas também as suas percepções de si mesmo e de sua personalidade que, moldada juntamente ao papel, pode se tornar indissociável dele para o sujeito.

O elemento de notoriedade levantado pelo quadro teórico do autor é que para além de que os indivíduos constroem representações de si para apresentar perante o outro é que a própria noção do eu pode ser analisada através da organização necessária para moldar as representações na sociedade moderna. O personagem representado é visto pela esfera social como interligado ao indivíduo que o representa, mesmo que para Goffman, sua origem seja produto de uma cena e não a causa dela, em suas palavras:

“Ao analisar o “eu”, então, somos arrastados para longe de seu possuidor, da pessoa que lucrar ou perderá mais em tê-lo, pois ele e seu corpo simplesmente fornecem o cabide no qual algo de uma construção colaborativa será pendurado por algum tempo. E os meios para produzir e manter os “eus” não residem no cabide. Na verdade, frequentemente estes meios estão aferrolhados nos estabelecimentos sociais.” (GOFFMAN, E. 1985 p. 76)

O indivíduo enquanto ator do personagem é, para o autor, dotado de sua natureza psicológica e as empenha em seus papéis, mas do mesmo modo características psicológicas também surgem da interação com as representações. A capacidade de sentir e desejar é essencial para o sujeito e age de forma a regular o processo interativo e a exposição do sujeito a ele. A metáfora teatral empregada por Goffman para ilustrar seu referencial teórico é uma ferramenta para compreender a estrutura dos encontros sociais, e o eu um produto social

performático resultado da interação entre ator, personagem, cenário, equipe e a interpretação da plateia das impressões transmitidas no palco.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao decorrer da análise da constituição da identidade no âmbito das interações sociais cotidianas, sob a perspectiva do interacionismo simbólico e da microsociologia de Erving Goffman, nos aprofundamos nas noções de que o self é uma realização coletiva que só se torna possível mediante a nossa capacidade de criar símbolos comuns aos pertencentes de uma mesma sociedade imersa em sua cultura capaz de dar sentido ao mundo que nos permeia. A realidade imediata seria, portanto, composta por um emaranhado de símbolos organizados por meio da linguagem que permite ao indivíduo que, ao nascer mergulhado nessas significações, desenvolva a própria consciência por meio das ferramentas apresentadas a ele pela comunidade que o cerca.

Com base nessa perspectiva o indivíduo se constitui atrelado ao contexto social, e portanto se torna indissociável a ele. Conforme a teoria apresentada por Goffman, a construção do eu é atrelada a representações que, objetivamente, fazem parte de uma série de condutas e acordos arraigados nas estruturas sociais. As demandas coletivas atravessam o sujeito de diferentes formas a depender do seu contexto, dessa forma não existe no ator um personagem com uma determinada fachada, o que se apresenta diante de um cenário é apenas uma das facetas do jogo das representações.

REFERÊNCIAS

GOFFMAN, Erving. A Representação do Eu na vida cotidiana. Petrópolis: Vozes, 1985.

GOFFMAN, Erving. A ordem da interação: discurso presidencial da American Sociological Association, 1982. Dilemas, n. 12, p. 571-603, 2019

GONZALEZ REY, F. (2001). A pesquisa e o tema da subjetividade em educação. Psic. da Ed., São Paulo, n. 13, p. 9-15, 2001.

SILVA, P. V. B. da. GOFFMAN, DISCÍPULO DE MEAD?. InterMeio: Revista Do Programa De Pós-Graduação Em Educação e Políticas Sociais - UFMS, v. 13, n. 25, 2007.

SILVEIRA, J. P. B. da. A presença de Erving Goffman na produção sociológica brasileira. Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais, Caxias do Sul, p. 1-28, julho/2023.

